

DEBATE: PERSPECTIVAS PARA A DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Professores participantes: Go Tani

João Batista Freire da Silva

Mauro Betti

Platéia: Nos seus contatos pelo Brasil inteiro e nas propostas que vocês têm levado, embora estejamos falando em perspectivas para o futuro, o que vocês têm captado do momento no contato com esta Educação Física praticada nas escolas? Qual tem sido o retorno das propostas que vocês têm apresentado?

Prof. João Batista: Tenho viajado muito, por vários Estados do Brasil, ministrando cursos visando a formação de professores, e cursos de extensão em especial. De fato, as pessoas estão cada vez mais solicitando estes cursos, pois têm sentido uma necessidade muito grande de reciclar seus conhecimentos, de melhorar a sua prática profissional. De modo geral, a expectativa é de receitas, ou uma fórmula mágica que resolva parte desses problemas. Acabamos decepcionando porque mostramos que esta mudança depende de uma formação muito mais complexa que um simples curso de 30 ou 60 horas. Ela depende de uma mudança da própria estrutura de cada pessoa. Um professor que trabalha de uma determinada maneira há 10 anos, não mudará só pelo que vou falar. É complicado romper com essas estruturas de uma hora para outra. É preciso criar, no Brasil, um ambiente para que a Educação Física possa se processar de forma um pouco diferente. Já existe uma diferença, atualmente já não se vê uma busca desenfreada por atletas olímpicos como há 10 anos atrás. Não é bem isso que os professores colocam nas suas perspectivas de Educação Física. Nunca se escreveu tanto, nunca se publicou tanto e nem se debateu tanto como na década de 80 em termos de Educação Física brasileira. Portanto, se gerou uma perspectiva de romper com as tradições arraigadas da nossa Educação Física.

Prof. Mauro Betti: Realmente as mudanças conceituais da Educação Física foram radicais. Sem dúvida os historiadores do próximo século registrarão a década de 80 como o marco da mudança conceitual da Educação Física. Nesta Universidade, há 12 anos atrás, discussões como essas não seriam imagináveis. Com relação à prática, houve pouca mudança, principalmente na Educação Física Escolar. Temos razoável experiência com treinamento de professores; já ministramos alguns cursos oferecidos pela CENP e temos um parecer um tanto pessimista a respeito dessa questão. A produtividade que se consegue com essas reciclagens é muito baixa, talvez pela forma como tem sido feita, por exemplo, o convênio CENP-Universidades está paralisado, porém, temos uma esperança muito grande na formação dos novos profissionais. Em relação à UNESP-Rio Claro, observamos que os profissionais que estão saindo têm apresentado uma competência técnica, um embasamento teórico e um compromisso social muito melhor do que a minha geração. Tenho acompanhado informalmente o trabalho de algumas dessas pessoas e tenho constatado que os mesmos estão conseguindo promover mudanças. Os nossos filhos terão uma Educação Física muito melhor do que nós tivemos. O desenvolvimento da Educação Física não depende mais apenas das teorias, em grande parte dependerá do rumo que a escola tomar. Como melhorar a qualidade de ensino em uma escola que não tem quadra, não tem sala, não tem nada? A Educação Física não está numa redoma de vidro, sua melhoria dependerá muito mais das melhorias gerais, econômicas e culturais do país.

Prof. Go Tani: Também achamos que as mudanças têm ocorrido e estão acontecendo. Mas, não acho que já tenham alcançado todas as dimensões necessárias, ou seja, essas mudanças não têm chegado aos profissionais que atuam nas escolas; isto deve ocorrer para aqueles que se envolvem mais com cursos, têm curiosidade maior ou uma condição de trabalho que lhes favorece participar dessas discussões. Na verdade, as mudanças que estão acontecendo estão assustando as pessoas. Tem-se discutido muitos conceitos e posicionamentos que possibilitam uma análise mais crítica e que são importantes porque levam os indivíduos a pensar sobre o assunto. Deveria existir, paralelamente, alguma estratégia para que este "susto" não fosse tão grande, para não criar uma possível rejeição. A situação real dos professores é tão difícil que se houver um susto muito grande, podemos acabar com todas as expectativas que as pessoas possam ter de mudar. Vemos, portanto, uma grande responsabilidade nossa e daquelas que têm aqui se apresentado. Nós pesquisadores, temos um descuido grave. O que passa pelas nossas cabeças está em um nível muito abstrato e então temos que tomar cuidado ao discutir estes

pontos. Às vezes, nem nós possuímos as respostas que possam auxiliar as outras pessoas em um nível mais concreto. Alguns aspectos poderiam ser observados, tais como: tomar cuidado para que as pessoas que nos ouvem não se situem num mundo irreal, onde não existem erros, pois quando se deparam com a realidade, se decepcionam; concordando com meus companheiros, o que está faltando são programas, mesmo que às vezes inacabados e incompletos. Pensamos que vale mais a pena pecar pela ousadia do que pela omissão. Não há mais tempo para as pessoas que estão nos ouvindo só acharem o assunto importante. Devem existir programas, ou seja, levar essas idéias e conceitos ao nível de operacionalização, senão, não iremos alcançar grandes mudanças.

Platéia: Acredito que a interação social entre professor/aluno e aluno/aluno seja de fundamental importância para que a prática de uma aula de Educação Física aconteça. Nós, professores, nos deparamos com um grupo, o qual apresenta em seu contexto problemas afetivo-sociais, tais como agressividade, rejeição aos companheiros de classe, não aceitação pelo próprio corpo em movimento, fatores estes que tornam improdutiva a prática da aula de Educação Física. Na opinião dos debatedores, é possível ensinar habilidades motoras sem antes transformar o comportamento afetivo-social do grupo? É possível transformarmos comportamentos sem antes nos transformarmos internamente? Se a pessoa não conhece a si própria, ela é capaz de educar, atuar com a Educação Física?

Prof. João Batista: Primeiro, acho importante não fecharmos a questão aqui, de modo que os profissionais concluam que não é possível fazer mais nada. Já que não tive uma terapia corporal, não sei lidar com a agressividade do grupo, então não é possível fazer mais nada! Não é bem assim. Todos nós, por pior que tenha sido nossa formação, somos gente, somos pessoas sensíveis. Não ministramos aula só com as teorias da escola, ministramos as aulas com a nossa personalidade, com a nossa maneira de ser. Quantos professores mal formados que têm muito sucesso na educação porque são bondosos, têm amor pelas pessoas? Sabemos que isto não se ensina na escola, mas se você aprendeu durante a sua vida a gostar de criança, você tem um recurso pedagógico fundamental para lecionar. Mesmo que a sua formação seja ruim, se você gosta e ama as suas crianças ou, às vezes, se tem uma vontade política muito forte, isso supera algumas das falhas da formação. Agora, é difícil de fato assumir uma classe de crianças agressivas e trabalhar com elas, sendo que se agredem o tempo todo, até mesmo aos professores e temos que ser autoritários. Mas, é preciso também, oferecer uma certa dinâmica à aula para que não se dê espaço para esses comportamentos. Confesso para vocês que cheguei a ministrar aula em um centro esportivo para grupos de 130 crianças, e era no grito. Ministramos aula para um pessoal de favela, havia dia em que eles queriam me matar, e não era possível ser "bonzinho", tínhamos que lecionar de alguma forma. Então, quando todos os nossos recursos metodológicos não davam certo, eu "berrava" e pronto! As vezes, você tem que exercer sua autoridade de professor, tem que usar seus cadernos e seus livros, tem que usar sua bondade, tem que usar tudo o que você tem à disposição. No entanto, podemos dar aula para crianças agressivas porque não, tanto as de colégio de rico, como as de colégio de pobre. Por que não se utiliza os jogos onde elas possam ser agressivas? E depois, trabalhar com essa agressividade, criando regras para poder diminuí-la, discutindo com a criança na "volta a calma" porque houve a agressividade. Tudo isso pode ser feito, uma aula dinâmica possibilita espaços para essas manifestações.

Prof. Mauro Betti: Ratifico as palavras do Prof. João, não me sinto em condições de responder satisfatoriamente a pergunta. Entendemos que não temos fundamentação para isso, mas gostaria de tangenciar um pouco, aproveitando a fala do Prof. João. Nenhuma teoria de ensino conseguiria dar conta da complexidade da realidade. É impossível supor que nós seríamos capazes de ensinar na Universidade, o que fazer com a criança "x", com a criança "y", na situação "z". Como a escola comportamentalista clássica da Psicologia que nos parece ter chegado em um beco sem saída. Não é possível ensinar coisas na Universidade, que apenas a vivência da pessoa vai dar. Há profissionais que não entenderam quase nada do que eu falei aqui na minha exposição, mas fazem tudo isso, porque têm uma intuição, têm uma sensibilidade. Não são capazes, talvez, de teorizar como eu teorizei, mas fazem. Mas, com relação à questão específica que foi levantada, eu não saberia como resolver isso.

Prof. Go Tani: Realmente, essa parte afetivo-emocional é a parte mais difícil para a compreensão. Também achamos que existem vários problemas que extrapolam a esfera da atuação direta do professor, seja de Educação Física, seja de qualquer outra disciplina. Não visualizamos soluções simples para isso. Acreditamos que seja importante colocar aqui que, quando nos defrontamos com um problema, vamos direto em busca de soluções, mas, um passo muito importante é tentar identificar o problema, ou seja, as causas desse problema. Se as crianças têm essas características faz-se necessário tentar entender as causas, para posteriormente entender que tipo de procedimento adotar. Para o professor de Educação Física, vejo como uma solução, tentar lançar mão daquilo que tem, ou seja, estabelecer melhor os objetivos, a metodologia adequada, ou melhor, "consertar" esta parte que não está adequadamente desenvolvida para depois, então, voltar às aulas normais. Isto deve caminhar paralelamente às aulas apesar de ser um problema muito difícil.

Platéia: Considerando o número excessivo de alunos por classe, com os mais diversos problemas afetivos, cognitivos e motores, como você vê os fatores disciplina e respeito a serem trabalhados durante as aulas? Será que somos nós, professores, os únicos responsáveis pela desmotivação que os educandos demonstram?

Prof. João Batista: Se vocês observarem bem, verão que a maior desmotivação não é em relação à Educação Física. Se a criança pudesse não entrar na aula de Matemática, não entraria, com raríssimas exceções. Criança não gosta de Português, não gosta de Matemática, não gosta de Ciências, a não ser quando o professor é bom, é carinhoso e atencioso com ela. O professor de Educação Física é até privilegiado nisso, os alunos costumam gostar dele. Quando temos muitos alunos por aula, esta tem que ser mais organizada ainda, tem que ser preparada com antecedência. Não sei se vocês preparam as aulas antes quando lecionam 8 aulas por dia, mas deveriam, para que a dinâmica envolvesse todas as pessoas. Todos os alunos, sem exceção, até o fim da vida terão problemas afetivos, cognitivos e motores. A diferença está no que falamos na minha palestra, ou seja, vocês necessitam conviver com a criança como ela é. Então, devem escolher um conteúdo que tenha espaço para a manifestação individual. A criança que corre mais deve ter certos jogos em que ela possa mostrar o correr mais dela, se outra é mais ágil em manipulação, tem que ter um jogo em que possa mostrar isso. Quem aqui não tem problemas afetivos, cognitivos e motores? No entanto, demos uma palestra para vocês e dei conta! Não precisei resolver o problema de cada um de vocês antes, para depois expor a palestra.

Platéia: Desculpe a interrupção, mas a apreciação de um balé, um salto com vara, têm implicações na sensibilidade do indivíduo que observa, não na "pseudocultura" que ele possa ter adquirido.

Prof. Mauro Betti: Não precisa pedir desculpas, por favor. É verdade, quando demos o exemplo da pintura do Picasso, o Prof. João alertou aqui: "Bom, se ele distinguiu um monte de cubos já está bom". Por quê? Porque é a percepção. Todo ser humano é dotado de percepção e os psicólogos mostraram muito bem como ela é importante na formação de conceitos lógicos, em toda a aprendizagem do indivíduo, em todas as dimensões. Essa questão da percepção está contemplada nas teorias da Educação Física. Aliás, tanto na proposta do Prof. João como naquela do Prof. Go Tani aparece a percepção. O que estou dizendo é além da percepção. Estamos falando de cultura, que é um produto historicamente elaborado. O fato de um indivíduo perceber os cubos não quer dizer que ele saiba quem foi Picasso, de que movimento artístico derivou, qual a importância dele na história da pintura. Acreditamos que você consegue apreciar muito mais um jogo de voleibol, por exemplo, se você entender alguma coisa de tática de voleibol. Você consegue perceber: "Olha lá, ele mudou a posição dos batedores". Por isso que a televisão coloca um comentarista esportivo nas transmissões, que é para auxiliar o espectador a apreciar o jogo. Os bons comentaristas, às vezes, até são professores de Educação Física! É simplesmente isso. O que você colocou é verdade, mas eu estou colocando uma coisa que é fruto da cultura e não da constituição genética do indivíduo.

Platéia: Você tem colocado os seus trabalhos científicos como neutros. A ciência é e deve ser neutra? Quando a ciência é utilizada de forma político-partidária é considerada maléfica? Por que os membros da USP sempre se manifestam de maneira não-política? Por acaso a sua corrente desenvolvimentista também não é ideológica?

Prof. Go Tani: A primeira pergunta tem sido feita para nós com uma certa insistência. De uma vez por todas, a ciência não é neutra, nem pode ser. A ciência não é neutra nem na sua elaboração, porque quem a elabora é uma pessoa, um ser humano inserido em uma cultura, com todas as suas características. O pesquisador é muito menos neutro ainda, quando trata da aplicação desses conhecimentos. O que não concordamos é que alguém queira entender essa ciência como sendo neutra só para poder rotular algum pesquisador como neutro. Quando se trata da aplicação dos conhecimentos da ciência, deve-se tomar muito cuidado para diferenciar ciência, com técnica, com tecnologia. Existe também, nesta questão do maior envolvimento da pessoa, a parte subjetiva na elaboração do conhecimento, uma certa característica diferenciada em relação à ciência básica e à ciência aplicada. E, também não se pode confundir ciência aplicada com técnica, são duas coisas distintas. Obviamente quando se trata de técnica, o objetivo é resolver um problema imediato da sociedade. Portanto, isso depende de valores, de prioridades e a ideologia torna-se uma coisa fundamental. Na pesquisa básica, por exemplo, não é a ideologia que influencia, mas sim a Filosofia, o modo de pensar. Então, é preciso, ao nosso ver, localizar bem onde estão as influências, partindo do princípio de que esta neutralidade não existe. Quanto à segunda pergunta, o problema não é se a ciência é maléfica ou não. A ciência deve ser entendida como ela é. Se os conhecimentos científicos podem ser aplicados com um determinado objetivo isto deve ser feito. Não se camufla a real característica da ciência, confundindo-a com ideologia. Ideologia é uma coisa muito importante, mas tem suas características, é um conjunto de idéias, relativamente coerentes, não necessariamente verdadeiras. Não estamos dizendo com isso que a ciência é verdadeira, ela é provisória também. Com relação à terceira pergunta, não estamos aqui representando a Universidade de São Paulo. Acho que os professores se sentiriam até mal se nós os representássemos. Quanto à quarta questão, queremos colocar um problema aqui, para esclarecer como é que entendemos essa questão. Se nós fizermos a pergunta "como é que vive um professor de Educação Física que ganha tão pouco, que tem uma formação tão pobre?", ela pede uma resposta científica para esclarecer. Mas, se colocarmos a pergunta "É justo que os professores de Educação Física tenham esse salário, essas condições de vida?" essa pergunta merece uma resposta ideológica. Se nós perguntarmos "o que precisaria ser feito para que essa situação melhorasse?", então estabelece-se um problema político. Se questionarmos se esta situação é justa ou injusta, claro que é injusta. Mas, se você for para o campo político, você tem que apresentar alternativas de solução. E para apresentar soluções não pode ficar no discurso ideológico, precisa ir para as ações. O segundo ponto que gostaríamos de esclarecer é o seguinte: quando colocamos na nossa abordagem uma visão do ser humano como sistema aberto, entendemos que o ser humano tem por natureza a equifinalidade, ou seja, o ser humano é capaz de buscar o mesmo objetivo, através de diferentes movimentos. Se colocássemos a mesma coisa em forma de "chavão" ou expressões mais "estratosféricas", diríamos: "contra o tecnicismo!". No fundo é a mesma coisa, só que não utilizamos essa palavra porque ela possibilita uma série de interpretações. O que não queremos é ficar só à nível de conceitos, que se não tomarmos cuidado, transformam-se em jogo de palavras. Descendo a nível dos fenômenos, se reconhecemos a equifinalidade do comportamento do ser humano, estamos reconhecendo o que? Que a visão tecnicista não cabe para o ser humano. Se enfatizarmos que o erro para o ser humano, deve ser entendido como um fator que contribui para o crescimento de ordem interna, estamos indo contra o mecanicismo. Quando colocamos que o ser humano tem um comportamento "teleológico", isto quer dizer que o pensamento determinístico não serve para analisar o ser humano. Então, o que estamos querendo com essas coisas é que, não a nível de conceitos, mas a nível dos fenômenos possamos colocar alguma coisa que evidencie o tipo de visão de mundo, que é a pergunta que mais se faz. Que fiquem registrados dessa forma, porque se chegarmos aqui e falarmos "contra o tecnicismo" e levantamos essa bandeira, falarmos "contra o determinismo" e levantamos essa bandeira, falarmos "contra a ciência clássica" e levantamos outra bandeira, ficaríamos apenas a nível de bandeiras levantadas! Dentro da nossa proposta, o aluno tem o direito de, por exemplo, escolher seu próprio plano de ação, ele tem o direito de decidir. Essas decisões não devem ser necessariamente só do professor, em determinadas situações até podem. O aluno decide seu plano de ação, executa, avalia e estabelece novos objetivos. O aluno deve participar. Isso é altamente político. Se estamos querendo que a criança tenha capacidade de analisar criticamente, tomar decisões, manifestar-

se, fazer uma auto-avaliação, progredir nesse processo de desenvolvimento hierárquico, e se estamos visualizando que isso é possível, isso é altamente político. A dimensão da palavra política deve ser muito bem entendida, porque essa palavra está muito desgastada, principalmente nos meios de comunicação, e a sua dimensão exata está sendo esquecida. Antes de mais nada, política está nas atitudes das pessoas, nas ações. Não gostaríamos de ser avaliados socialmente se somos neutro ou não pelo que falamos, porque aí podemos mudar, podemos nos ajustar à platéia. Agora, quanto às nossas ações concretas, na nossa Unidade, no nosso universo, com os nossos filhos, com a nossa família, não podem ser ajustadas. Já aconteceram, são irreversíveis. O posicionamento ideológico das pessoas deve ser avaliado pelas ações, pelas atitudes e se as pessoas têm tanto interesse em conhecer esse nosso lado, teríamos grande prazer em conviver com essa pessoa. Ela teria que nos acompanhar um bom período de tempo, porque achamos impossível alguém, numa mesa em 3 minutos, falar de sua visão de mundo, de sociedade e de ciência. Achamos que isso chega a ser até uma arrogância. O ser humano não é tão simples assim, a sociedade não é tão simples assim para que alguém, numa palavra só, expresse tudo isso. Quando alguém faz este tipo de pergunta, e aqui estamos colocando não para criar polêmicas, poderá estar querendo dizer: "Eu tenho uma visão definida, você tem?" Através da pergunta, a pessoa pode estar se auto-afirmando. Gostaríamos que essa pergunta que está tão desgastada no Brasil, a questão da ideologia, da visão de ciência, fosse esclarecida de uma vez por todas, para que as pessoas não criassem conflitos desnecessários. Portanto, a abordagem desenvolvimentista não é ideológica, no sentido da ideologia que eu coloquei, mas é política sim. Política porque é uma proposta de abordagem que quer contribuir no processo de "mudança" da criança.

Platéia: Pensando nas perspectivas da Educação Física, quando, dentro das Universidades brasileiras, nos ensinarão a não oprimir as capacidades das crianças?

Prof. João Batista: Quando as pessoas falam da formação nas Faculdades, ficamos perguntando de que Faculdade elas estão falando. Existem cerca de 100 Faculdades no Brasil, e se ensinam a oprimir as crianças, o fazem simplesmente porque ensinam mal nossos alunos de Educação Física. No Brasil, o pouco que conheço da formação em Educação Física, generalizando pelas 100 Faculdades, não se pode chamar isso de ensino universitário. Manter as pessoas atrasadas, sem uma percepção mais crítica do mundo em que vivem porque somos incompetentes para cumprir essa educação que temos tanto falado aqui. Não é uma coisa consciente, de não promover este desenvolvimento da pessoa. A criança chega a nós e sai do mesmo jeito ou até pior. Nesse sentido, as coisas não podem ser consideradas como neutras, porque julgam com tanta neutralidade e fazem um mal ensino. Isto é tomar um partido. Não tem um nome esse partido, mas é o partido do anti-progresso, da anti-crítica, do anti-desenvolvimento. É uma obrigação nossa quando estamos com nossos alunos, procurar os meios para mudar um pouco. E se não quiser, pode largar a profissão, vai vender batata na feira que ganha muito mais. Quem ganha 20.000 cruzeiros hoje ministrando aula, pode ganhar muito mais com outra profissão. Não sei porque insiste na profissão se detesta criança, detesta estudar, detesta tudo isso e permanece. Somos opressores na medida em que somos coniventes com esse estado de coisas que vemos, que criticamos tanto nos candidatos às eleições e não vemos em nós mesmos. Para cada Figueiredo da vida, tem um milhão se utilizando da mesma estratégia. O Maluf não foi autogestão, foi gestado por nós que somos também corruptos. Nós somos tudo isso que criticamos nele. Não pensem que só porque faço um discurso bonitinho aqui, eu sou um cara bonzinho. Nos fazemos muitos erros em casa, na escola, com nossos alunos, em todos os lugares; mas só vemos os erros do outro e depois passamos por bonzinho e criticamos os outros. Não gostaríamos de generalizar muito e cometer injustiças, mas o que temos percebido é que no seio da Universidade, sequer há uma consciência crítica de que as suas ações estão oprimindo as crianças. Em segundo lugar, gostaríamos de expor que a Educação Física ainda não justificou a sua presença nas Universidades. Por muito que se faça, bem que poderia ser uma escola técnica de segundo grau, pelo conteúdo que oferece.

Platéia: Qual a diferença entre ajustar e integrar socialmente?

Prof. João Batista: Já unhamos dito que não queremos que nossos alunos se ajustem à sociedade, se acomodem simplesmente tal como ela é. Não educamos para que as pessoas se ajustem. Deve estar minimamente ajustada para poder sobreviver, claro. Não adianta você chegar para o seu aluno e fazer um belo discurso político, porque se ele está com fome, vai vender limão, vai roubar, vai fazer qualquer coisa para poder sobreviver. Então, todos nós nos ajustamos em um certo nível. Falo mal de muitas coisas, mas não faço nada contra elas, num nível de ajustamento. Nós desejamos que as pessoas se integrem à sociedade no sentido de participar, produzindo com suas próprias idéias, com suas próprias ações, dando sua contribuição à sociedade. Quero que meu aluno cresça, se desenvolva, sabendo alguma coisa a mais para poder produzir na sociedade. Nós sempre brincamos falando que se for só para se ajustar, os alunos daqui da USP vão ter que pagar a corrupção, porque se ajustar à sociedade é ser corrupto também e nós não queremos isso.

Platéia: As Faculdades preparam o professor para lidar com crianças ideais e não com crianças agressivas, infelizes e carentes. Onde estão os referenciais que auxiliam os professores a se depararem com a realidade das escolas, não se sentirem frustrados, desatualizados e infelizes, mas sim capacitados para serem educadores?

Prof. João Batista: Poderíamos eliminar um pouco da surpresa do aluno. Se o professor chegar na escola achando que vai encontrar essa criança ideal, arrumadinha, bonitinha, é claro que ele vai ser frustrado e infeliz. A escola deveria contar para os professores como a criança é realmente. Não sei quem já trabalhou com crianças aqui, acredito que a maioria. Criança não é essa coisa bonitinha, arrumadinha que assistimos em algumas propagandas por aí. Até as propagandas já estão passando a imagem que a criança não é assim. Leiam um livro muito bonito chamado "A História Sem Fim", alemão. No mundo da criança, o que é bom, o que é mal, o que é feio, o que é bonito convivem igualmente. Cometemos um erro gravíssimo quando dizemos que a agressividade é ruim e dizemos que a delicadeza é que é boa. Nós dizemos que a competição é ruim e a cooperação é boa. Quem pesquisar, verá que para encontrar a cooperação terá que pesquisar a competição, para encontrar a bondade terá que pesquisar a maldade. Nós discursamos sobre dialética, mas não queremos assumir a dialética das nossas ações. Vivemos a maldade e a bondade o tempo todo, mas não queremos reconhecê-las enquanto discurso, enquanto teoria, convivendo como companheiras necessárias extremamente diferentes, mas dependentes. Então nunca imaginem encontrar uma criança com todas essas virtudes, porque é lógico que vai resultar em frustração.

Platéia: Gostaria que o Prof. Mauro Betti comentasse um pouco mais sobre a separação, o distanciamento, da Educação Física em relação à Pedagogia. Você atribui à área de currículos e programas a tarefa de reunificar o conhecimento que vem comportamentalizando há décadas? Você não acha que está atribuindo a esta área uma tarefa um tanto quanto messiânica? Não seria melhor que nós, profissionais de Educação Física, aprendessemos a trabalhar interdisciplinariamente?

Prof. Mauro Betti: Este tema da separação da Educação Física da Pedagogia é um tema que mereceria um estudo específico, um aprofundamento. É uma temática bastante interessante, por exemplo, para uma dissertação de mestrado. O que colocamos, identifica, no momento em que a Educação Física dirigiu a sua preocupação exclusivamente para o desenvolvimento do corpo, que houve este distanciamento. Nós retrocedemos um pouco, quando a Educação Física, muito possivelmente influenciada pela Pedagogia Naturalista de Rousseau (este acredito que seja o marco inclusive na Pedagogia) assumiu que o homem é um ser unitário, integral, que se deveria buscar o desenvolvimento pleno, onde todas as esferas são importantes, a motora, a afetiva e a cognitiva. Um livro muito interessante, que todo professor de Educação Física deveria ler é o "Emílio", mas é muito grande, muito grosso, então as pessoas não gostam de ler, não é? Quando se assumiu esta filosofia, os objetivos da Educação Física se dispersaram e não conseguiram integrar a sua especificidade dentro da proposta de desenvolvimento global do homem, ou seja, transformou-se num discurso vazio. Então trabalhamos do pescoço para baixo e pressupõe-se que, de repente, em algum momento, a parte de baixo se juntaria com a cabeça e estaria desenvolvido o homem integral. A Pedagogia, de certa forma, também tem características, enquanto área de conhecimento, muito semelhantes à Educação Física. Ela também é interdisciplinar. Qualquer manual de Pedagogia falará sobre isso, por exemplo os manuais da Escola

Nova, tais como "A Introdução à Escola Nova" de Lourenço Filho. Aliás, o momento denominado Escola Nova teve um papel importante na incorporação desse discurso pela Educação Física brasileira. Lá aparecem noções de Fisiologia. Essa abordagem desenvolvimentista aparece na década de 30 com o Lourenço Filho, que tem até gráficos de crescimento, aparecem aspectos de Biologia, Sociologia e Filosofia. Então a Pedagogia faz uma abordagem interdisciplinar. A área de currículos e programas deve fazer esta interação, porque ela é quem deve operacionalizar os princípios que são colocados pela teoria. Concordamos que não sabemos trabalhar interdisciplinariamente dentro da escola, nem dentro da pesquisa em Educação Física. Nossas pesquisas são extremamente fragmentadas, ou seja, um sujeito estuda aprendizagem motora, outro estuda sociologia do esporte, outro história e não se consegue efetivar a interdisciplinariedade que se proclama. A partir do momento que nós conseguirmos até definir o que seria esta interdisciplinariedade, se é que ela é realmente possível, isso sem dúvida deverá facilitar esse trabalho. A área de currículos tem um papel fundamental, no que se refere à Educação Física Escolar. Não vejo outra área para facilitar essa passagem. Porém, nos cursos de pós-graduação não existe disciplinas de currículos e programas. Eu tive a feliz oportunidade de cursar essa disciplina, quando tomei contato pela primeira vez com a área, quando a USP convidou a Profa. Margaret Thompson que é uma americana. Existe uma área de currículos e programas em Educação Física bastante desenvolvida na Alemanha, por exemplo, nos Estados Unidos, nem tanto. Estamos muito atrasados nisso. Não estamos conseguindo fazer essa articulação entre os princípios teóricos mais genéricos ou abstratos e a aula de Educação Física. Tem que ser a área de currículos e programas junto com a Educação Física. Deve buscar a fundamentação teórica na Pedagogia e trazer para a Educação Física.

Platéia: Qual seria, na sua opinião, a área de conhecimento da Educação Física? Será que as mudanças curriculares propostas pela Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, darão condições para o futuro professor trabalhar na prática? Você afirma que o movimento humano é o objeto de estudo da Educação Física, mas que movimento humano, uma vez que piscar o olho, fazer amor, fazer pipi, sentar e levantar também são movimentos humanos? Resumindo, especificidade do movimento: não seria mais importante chegar à uma ciência que a explique com ajuda de reflexões efetivas do observável?

Prof. Go Tani: Para poder explicar o que entendemos da Educação Física enquanto área de conhecimento, já que estamos enfatizando isso como sendo um aspecto fundamental para a autenticidade da profissão, é preciso dizer o seguinte: A Educação Física, historicamente, deu muita ênfase para a profissão, a preparação profissional, ou seja, o ensino em última análise. A Educação Física se resumia no seguinte: preparação profissional onde a Escola de Educação Física buscava conhecimentos na Educação, juntava esses conhecimentos às atividades da dança, esportes e jogos, e também buscava alguns conhecimentos acadêmicos na Sociologia, na Antropologia, Fisiologia, Psicologia, dentre outras áreas do conhecimento.

Trazendo os conhecimentos desses três elementos básicos montava-se um curso de preparação profissional e depois se acreditava que o profissional formado por essa grade curricular teria condições de atuar profissionalmente.

Vocês podem perceber (transparências) que não tem nenhum conhecimento próprio da Educação Física, porque os mesmos vinham da Sociologia, Psicologia, etc. Tanto é que nas fases iniciais do desenvolvimento das Escolas de Educação Física, professores foram trazidos destas áreas.

Uma questão fundamental é que estas áreas, chamadas ciências-mães, não estão preocupadas em desenvolver o conhecimento abrangente e profundo que a Educação Física precisa. Vocês acham que a Sociologia um dia se preocupou em preparar os conhecimentos que a Educação Física precisa? Não. O que a Sociologia nos oferece em termos de conhecimentos é o básico, não só para a Educação Física, mas também para a Engenharia, a Medicina, etc. São conhecimentos genéricos que ao nosso ver poderiam ser muito bem transmitidos no ensino de 2o. grau, não na Universidade. Infelizmente, na Educação Física, quando alguém ministra aula sobre neurônio está achando que isto é conhecimento teórico-científico próprio da Educação Física. Não, isso é conhecimento que nos países mais avançados é lecionado no ensino de 1o. grau. Então, esse é o grande problema, qualquer conhecimento científico parece ser o corpo teórico da Educação Física, e não é nada disso. Se nós não temos esse corpo de conhecimentos, a

Educação Física fica vazia. No nosso ponto de vista, faz-se necessário diferenciar o seguinte (transparências): Deve existir uma área de estudo que não chamaria mais de Educação Física, mesmo porque já colocamos que essa palavra está muito confusa e bastante ultrapassada. Ela poderia ser chamada de Cinesiologia. Existem pessoas que colocam Motricidade Humana, outras Cineantropologia, outras Ciências do Movimento. Tentamos chamar de Cinesiologia para simplificar as coisas, ou seja, estudo do movimento. E aqui se investigaria o movimento da forma mais ampla possível, inclusive piscar o olho, fazer amor. Desde que seja movimento humano, desde que os profissionais estejam envolvidos com isto e que seja relevante esclarecer isso. Esta área investigaria o movimento da forma mais ampla possível. Isso não é Educação Física. A pesquisa é básica, é o esclarecimento do fenômeno movimento humano e para que esta área exista, deve manter relações com a Sociologia, Antropologia, dentre outras. Mesmo porque não é possível, num determinado momento, falar assim: está aqui uma nova área de conhecimento, vamos começar a fazer pesquisa. Particularmente, com relação à metodologia, necessitamos emprestar as mais utilizadas em outras áreas e ir ajustando aos problemas de estudo do movimento humano. Os conhecimentos produzidos por essa área chamada de Cinesiologia deveriam ser selecionados, filtrados pela Educação Física, para que esta possa fazer a pesquisa aplicada. Estes conhecimentos da Cinesiologia não seriam importantes apenas para a Educação Física; seriam importantes para qualquer área que trabalhe com o movimento humano, como a Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Fisioterapia. Há um grande perigo se as pessoas acharem que o conhecimento produzido pela Cinesiologia imediatamente servirá para a preparação profissional, para a prática profissional em Educação Física. Não, isto merece um estágio de investigação científica, ou seja, os conhecimentos básicos são escolhidos à luz das necessidades da Educação Física em que se faz pesquisa aplicada. Para fazer pesquisa aplicada é preciso interagir com a Educação, interagir com o seu conteúdo. Da mesma forma que a Terapia Ocupacional ou a Fisioterapia deveriam também fazer pesquisa aplicada e logicamente teriam também outras áreas relacionadas. Os conhecimentos produzidos pela pesquisa aplicada, que eu chamaria de Educação Física, poderiam ser diretamente utilizados em um curso de preparação profissional e formar profissionais de Educação Física.

Para finalizar, entendemos a estrutura das áreas da seguinte forma: uma área chamada Cinesiologia dividida em 3 sub-áreas. Uma sub-área chamada Biodinâmica do Movimento Humano, já numa visão mais avançada de ciência, que é uma visão integrativa que englobaria Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Cineantropometria. Não mais ficar separando em uma série de sub-áreas, mas numa visão mais integrativa. Biodinâmica do Movimento Humano, ou seja, estudo da dinâmica biológica do movimento humano. Existiria uma sub-área em nível médio de análise que seria o Comportamento Motor Humano em que seriam englobados estudos que hoje nós chamamos Aprendizagem Motora, Desenvolvimento Motor e Controle Motor. Uma outra sub-área chamada Estudos Sócio-culturais do Movimento Humano, onde estaria toda esta parte de Administração, Antropologia, Sociologia, História e Filosofia. Seria um Instituto preocupado em esclarecer o fenômeno movimento humano, de forma ampla e profunda mesmo porque o movimento humano é um fenômeno merecedor de investigações em seus diferentes níveis de análise. O conjunto dos conhecimentos produzidos por estas pesquisas daria uma área chamada Cinesiologia.

A Educação Física, faria dois tipos de pesquisas: uma chamada Pedagogia do Movimento Humano, porque Educação Física é pedagógica; outra chamada Adaptação do Movimento Humano, adaptação aqui para diferentes populações especiais em diferentes condições ambientais. Estas pesquisas, como são aplicadas, devem ser de síntese, de integração. Por exemplo, para conduzir pesquisa em Pedagogia do Movimento Humano, precisa-se de conhecimentos tanto biológicos, quanto comportamentais e sócio-culturais. Assim se evita também a divisão da Educação Física em pedagógica ou biológica.

A Educação Física deve selecionar conhecimentos e fazer pesquisa aplicada. Os conhecimentos gerados pela pesquisa aplicada é que vão contribuir numa situação real.